

# Custodia ou a emparedada<sup>1</sup>

337



## José María Cordovez Moure<sup>2</sup>

Passados os derradeiros movimentos políticos produzidos pela revolução que comoveu o país até meados do ano de 1852, começaram a chegar em Santafé [de Bogotá] os diversos batalhões formados no Norte da República com recrutas capturados, a maioria na então chamada província de Tunja, sementeira inesgotável dos nossos melhores soldados, os quais, tanto naquela época, como sempre tem acontecido e certamente acontecerá no futuro, lutaram com bravura e disciplina nos memoráveis e sangrentos campos de batalha de Garrapata, Buesaco e Anganoy, e em muitas outras *brigalhadas* mais ou menos importantes, em que se demonstrou, pela milésima vez, que os colombianos são corajosos –mas sem outro resultado prático além de deixar algumas viúvas, órfãos e anciãos desvalidos, abandonados à própria sorte, pois

1 Fonte desta tradução: CORDOVEZ MOURE, José María. “Custodia o la emparedada”. In: \_\_\_\_\_. *Reminiscencias de Santafé y Bogotá*. Madrid: Aguilar, 1962, p.119-125.

2 Traduzido por Byron Vélez Escallón. Agradeço imensamente a revisão e generosas sugestões de Artur de Vargas Giorgi, Filipe Manzoni e Luz Adriana Sánchez Segura.

as guerras somente têm produzido entre nós o império da violência e da iniquidade em todas as suas formas. Se a guerra acrescentasse algo, a Colômbia seria o país mais perfeito do mundo, porque aqui a temos feito por habitual exercício.

Retomando o acima dito, entre os batalhões que entraram nesta cidade para um descanso antes de seguirem a seus respectivos destinos, se encontrava um em cuja hierarquia estava inscrito o nome de Pedro Siachoque, natural de Sutamarchán. Em uma tarde do mês de agosto, ele pediu permissão ao seu cabo para que, acompanhado de outro camarada, lhes fosse permitido sair a passeio pela cidade, pois não queriam retornar à sua terra sem conhecer as maravilhas de Santafé. Concedida a licença, nossos dois *turistas* saíram em marcha, seguindo instintivamente para a zona sudeste do povoado, sem dúvida porque nessas localidades havia ribanceiras e despenhadeiros que lembravam o aspecto topográfico da comarca em que nasceram e viveram felizes até o dia, ou má hora, em que os acharam úteis para interceptar balas alheias com seus corpos.

Com a boca aberta, e de surpresa em surpresa, andavam ao acaso aqueles ex-recrutas, até que chegaram perto dos muros que serviam de divisória entre uma casa próxima ao quartel de Artilharia e o terreno em que estavam. Ali Siachoque sentiu uma necessidade íntima e, sem esperar que o companheiro lhe dissesse como Dom Quixote a Sancho: “afasta-te lá, três ou quatro!”, deu início ao seu negócio *super tabulam rasam*.

Estava o soldado na melhor parte do seu ato, quando sentiu um ruído particular, semelhante ao que produzem os roedores quando tentam esburacar muros: levantou o olhar procurando a causa do barulho –mas sem dizer uma palavra, e com as calças caindo das mãos, se afastou apavorado, exclamando com voz entrecortada: “São Jerônimo! Ave Maria Puríssima! Jesus me acuda e me defenda!”. O colega de Siachoque, ao ouvir essas invocações, sem entender o motivo de tanto medo, o imitou e ainda o superou nas expressões de espanto, e se afastou a uma distância segura. Recuperados em alguma medida do incompreensível pânico que os dominava, o camarada dirigiu a Siachoque um “o que foi?” que valia um reino.

– Uma alma penada que me assustou.

– Onde?

– Naquela *abertura*: *olha!*

O camarada devia ser homem perito em assuntos de exorcismo, porque de imediato se pôs a gritar com toda a força dos seus pulmões:

– Em nome de Deus, ou do diabo, diga o que quer!

Sem obter resposta da suposta alma penada, e sem vontade de aproximar-se da *abertura*, os soldados resolveram ir ao quartel e dar parte do acontecido. Voltaram em companhia do cabo e de outros soldados, ainda que em nada ajudassem esses filhos de Marte, pois, se bem estavam acostumados a enfrentar inimigos tangíveis ou corpóreos, não se achavam com forças para encarar almas do purgatório ou seus vestígios, coisas totalmente iguais para aquela gente simples.

339

Chamaram outros reforços, que chegaram sob o comando de um oficial experiente, providos de armas e munições suficientes para dar conta do que já começavam a acreditar que se tratasse de uma nova *manifestação*.

Ocupado o campo sobre o qual iam empreender-se as operações bélicas, e garantindo em primeiro lugar honrosa retirada, nosso destemido oficial enviou um destacamento de avançada até o buraco que nesse momento fazia o papel da Esfinge de Tebas.

Os soldados se aproximavam, com calma, até dois ou três metros de distância da parede enigmática –mas, uma vez ali, se detinham como se estivessem pregados ao chão e animavam-se, no máximo, a esticar os pescoços para ver se assim conseguiam distinguir o objeto que capturava todas suas faculdades e produzia neles, ao mesmo tempo, um pânico inexplicável.

Um raro fenômeno ocorria em aquele lugar: os mesmos homens que em Garrapata resistiram às investidas da terrível cavalaria comandada pelos intrépidos José Vargas París (*o Manco*), Vicente Ibáñez e Domingo Caicedo; aqueles que, sob as ordens do garboso General Manuel María Franco, nas espessuras inexpugnáveis de Pasto, venceram em Buesaco e Anganoy as hostes aguerridas que seguiam os insígnies guerreiros Julio Arboleda e Jacinto Córdoba; esses mesmos, na capital da República, não se atreviam a defrontar o perigo imaginário do pequeno buraco que

encerrava o mistério incompreensível.

Por fim, deu-se aviso ao prefeito, dizendo que através de uma *abertura* da casa em questão era distinguível, *sem dúvida*, a mão de um morto que acenava como chamando para que se aproximassem. O nosso homem civil, que não tinha medo da morte, talvez por não tê-la visto de perto como os militares, aproximou-se ao ponto indicado e viu, distintamente, uma mão descarnada, apergaminhada e com evidentes sinais de que o corpo a que pertencia devia se encontrar em terrível angústia.

Não faltou quem aconselhasse que, a exemplo do que fizeram os vizinhos de Tuluá, que para introduzir uma viga na igreja derrubaram a fachada, se demolisse essa parte da casa. Prevendo que o assunto que os preocupava se relacionasse com algum fato criminoso, o prefeito fez com que se cercasse a casa e nela entrou, bem acompanhado, caso acontecesse alguma coisa.

Chamaram à porta, mas não atenderam. Diante disso, o prefeito gritou: “É a autoridade!”, e disse também que, se não abrissem imediatamente, iria derrubar a porta: a intimação fez seu efeito e, em seguida, os que chamavam ouviram um prolongado “Quem chama?”, recitado com voz estridente e em diapasão que revelava o mau humor da pessoa que respondia. Ao fim, depois de outro “Quem chama?”, abriu-se a porta da rua e apareceu à vista dos que entravam uma mulher de uns quarenta anos de idade, pálida, muito magra, de estatura média, o cabelo preso por um lenço de seda atado à cabeça, trajada com vestido de chita de cor marrom, sapatos de couro e meias brancas, usando brincos de ouro e pedraria pendendo de duas orelhas enormes, e colar de contas de ouro que acabava em um medalhão pendurado do pescoço. Quando se acharam perante essa figura, os nossos homens se apertaram uns contra os outros em atitude defensiva, como se tivessem que confrontar alguma fera. O prefeito, que pelo visto sabia *onde o calo doía mais*, disse ao ouvido do oficial:

– Se essa bruxa não pertence à raça felina, eu nada entendo de História Natural.

Depois do cumprimento de praxe, que a mulher não devolveu, o prefeito perguntou quem morava ali.

- Eu –a mulher respondeu.
- E quem é “eu”? –replicou ele.
- Trinidad Forero –disse a interpelada.

Sem rodeios, o prefeito expôs à tal de Trinidad o motivo que os levava até sua casa, com o que esperava que ela lhes permitisse fazer um reconhecimento.

–Aqui não tem nada para ver nem o que xeretar, e eu estou na minha casa –disse aquela harpia–. Não permito que entrem, a não ser por cima do meu cadáver.

Diante semelhante negativa, não poderia haver delongas. Ameaçou-se seguir à força caso se opusesse ao mandado das autoridades, o que fez com que ela cedesse um pouco, dizendo que podiam fazer o que quisessem, mas que iria embora para não ser maltratada. É obvio que não a deixaram sair e, pelo contrário, fizeram com que soubesse que deveria estar presente na revista que se fazia naquele momento.

A casa era composta por uma pequena entrada que conduzia a um corredor, à direita se achava uma porta que dava acesso a uma salinha que recebia luz por uma janela do lado da rua, com um pano em vez de cristais, e fortes fechaduras para segurança da moradora. À esquerda da salinha, ao entrar, havia mais uma porta de painéis revestidos com tecido de percal cor de rosa, que dava acesso a um quarto estreito e escuro.

A mobília da casa exalava mau gosto e grande desleixo, como é de uso e costume entre os nossos *emergentes*. Observava-se, além disso, uma completa ausência de imagens ou outros objetos que evidenciassem sentimentos piedosos naquela mulher.

Na frente do corredor principal existia outro recinto, em que estavam os três compartimentos habituais naquelas casinhas de moralidade mais que problemática, a saber: a sala de jantar, a despensa e a cozinha. Outra particularidade foi notada pelos novos hóspedes da casa: a tal de Trinidad morava sozinha.

Já na sala, a dona de casa não convidou seus visitantes para sentar. Longe disso, permaneceu em pé com ar ameaçador: deixava claro,

com toda a grosseria possível, o aborrecimento que dela transbordava. Acabada a inspeção da sala, era claro que era preciso continuar na alcova contígua, inclusive porque nessa direção estava o terreno a que dava a *abertura sibilina*. No entanto, quando o prefeito se dirigia a essa alcova, a Trinidad se plantou no vão da porta, tomou um cabo de vassoura numa mão e uma enorme tesoura na outra, manifestando categoricamente que o primeiro que tentasse entrar encontraria ali seu túmulo.

Mais surpreendidos do que amedrontados por aquela bravata, os presentes contemplavam a mulher, que tinha nesses instantes a aparência de todos os pecados capitais reunidos. Mas não era possível que tantos homens juntos, e armados, retrocedessem perante a ira daquelas saias, e resolveram, *coûte que coûte*, entrar na alcova proibida. Lançaram-se sobre a dama e a sujeitaram, não sem antes suportar mordidas e arranhões daquela que parecia endemoniada, além da sequência de injúrias e blasfêmias inauditas que vociferava, espumando de raiva e indignação, e lançando olhares de espantoso ódio à cama de musselinas penduradas, rente ao muro. Aí devia estar a solução do enigma.

Já imobilizada aquela fúria, procedeu-se a retirar a cama de junto da parede, com o que ficou descoberto o espaço murado, sem pintar, de uma porta. Não se ouvia nesse lugar nenhum ruído, nada que indicasse a existência de um ser vivo, mas como já se tinha evidência de que essa parte da casa correspondia ao muro exterior em que se situava a *fissura misteriosa*, se levaram barras, com o fim de derrubar o muro, de dentro para fora, e de cima para baixo, para não causar ferimentos a quem estivesse no interior.

Logo, no primeiro golpe de barra, produziu-se um barulho sonoro, o que significava que o muro estava construído sobre um espaço vazio, nessa parte. Depois do segundo golpe, desprendeceu-se um pedaço de taipa que, ao cair, deixou ver, com a luz que entrava pela pequena abertura da parte exterior, que os investigadores estavam perante um espaço vazio nesse ponto, coberto por ambos os lados. Ao mesmo tempo, um fedor insuportável tomou conta da estreita alcova.

Não havia dúvida possível: os exploradores estavam diante de uma fossa em que devia jazer um cadáver em decomposição: com lenços nos rostos, precavendo-se dos pestilentos gases que quase os asfixiavam, puderam continuar a inspeção.

Nem bem se havia derrubado o suficiente para observar o que existia no fundo daquela cavidade, viram—que horror!—uma múmia meio enrolada em nojento sudário, que jazia sobre um leito de esterco e entre milhares de vermes brancos que ferviam por todos os cantos. O mais horrível daquele repugnante espetáculo era que *isso*, que tinha alguma forma parecida com a espécie humana, fazia débeis movimentos com as mãos em atitude deprecatória, implorando compaixão e endereçando a todos olhares lamentosos e ternos, com olhos embaçados porém expressivos, de onde brotavam espessas lágrimas.

Não havia lugar para hesitações: aquela devia ser a vítima da nova Megera que, imitando seu modelo, fazia com que aquele ser humano não morresse para tornar mais longos os tormentos que, com inaudita crueldade, infringia àquele ser, tão desgraçado quanto inofensivo.

Entretanto, a Trinidad lançava olhares horripilantes, deixando entrever o ódio mais feroz contra sua vítima. Ao mesmo tempo, não escondia a satisfação de vê-la reduzida a tal estado de deformidade repugnante.

Há ações na vida que, para serem levadas a um bom desfecho, exigem que quem as execute possua grande sentimento de abnegação, estoicismo e, sobretudo, uma ardente caridade—esse era o caso de que nos ocupamos. Tratava-se, nem mais nem menos, de recolher e tirar daquela sepultura improvisada um *corpo vivo* em putrefação e, por conseguinte, sem parte sadia para segurá-lo: a mera ideia de ter que abraçar aquela múmia, arrepiava os cabelos dos presentes.

Mas passava o tempo e era preciso tomar providências. Os soldados opunham grande resistência em prestar esse serviço humanitário, não por má vontade, mas pela invencível repugnância que os dominava. Finalmente, ocorreu a alguém procurar na rua a primeira *aguadeira* que passasse, com o objetivo de obrigá-la, *por bem ou por mal*, a tirá-los do apuro. Não foi difícil achar quem procuravam, pois pouco depois passou por ali uma daquelas *mulherzinhas*, vestida com farrapos, com uma ânfora de barro às costas, pendente dentro de uma malha ou *carregador* e, pouco menos nojenta que a própria múmia. Foi-lhe proposto o negócio, *por bem*, e com a mediação de um bom gole de *chicha*—tentação lisonjeira para aquela gentilha—, o que foi aceito sem hesitações pela *aguadeira*, quem disse não ter receios, como podia

confirmar seu amo Perico, em cuja casa cortava o *sebo azedo* antes de derretê-lo para fazer velas e sabonete de terra.

Satisfeitos com o achado, os emissários voltaram ao quarto onde a *aguadeira*, depois de persignar-se algumas vezes e de encomendar-se a Nossa Senhora de Chiquinquirá, aproximou-se destemidamente do buraco na parede, recolheu o que ali achou e o deitou, sem pensar no que fazia, sobre a cama da Trinidad. Esta lançou um urro semelhante ao da onça quando foge dela a presa que dava por assegurada para saciar sua fome voraz.

A impressão produzida nas pessoas que presenciavam aquela cena deve ter sido igual à experimentada pelos fariseus quando viram sair ressuscitado Lázaro, fétido, do seu túmulo. Mas, aqui, diante daquele ser indefeso, reduzido à situação mais espantosa, se alternavam sentimentos misturados de horror compassivo pela vítima e de indignação contra seus cruéis e inumanos algozes. Houve necessidade de levantá-la numa maca improvisada, para que o corpo não se desmanchasse entre as mãos que tentavam conduzi-lo ao hospital, para onde o levavam no intuito de ver se era possível restituir-lhe o uso da palavra, de modo que assim revelasse as causas e os autores daquele crime inaudito. No que tange à pressuposta autora do crime, foi conduzida ao *Divórcio* (antigo cárcere), enquanto se elaborava o relatório correspondente. Forero encastelou-se, em princípio, em depreciativo silêncio, e se dava ares de acusadora, não de acusada.

Se alguma vez se manifestou interesse, na nossa sociedade, pela conservação da vida de uma pessoa foi, sem dúvida, naquela, em que se ansiava conhecer as peripécias desse drama espantoso.

Os doutores Antonio Vargas Reyes e Ignacio Antoverza disputaram o labor de restabelecer, na medida do possível, e como finalmente conseguiram, as forças vitais daquela infeliz vítima do ciúme mais furioso. Começaram por costurar-lhe a boca, que estava cortada *de orelha a orelha*, com o fim de que, reduzida a suas proporções naturais, servisse para articular palavras e se fazer entender, pois ela não dava sinais de saber escrever ou ler. Conseguido esse primeiro bom resultado, a *emparedada*, nome que lhe foi dado, fez, sob a solenidade de juramento, a exposição que segue, e que foi confirmada pela fria confissão da sua cruel perseguidora.



A madrinha de Custodia, a *emparedada*, a entregou como criada na casa de Trinidad Forero, mulher de caráter furioso e de paixões violentas. Pouco depois de ir com ela, a mulher começou a tratá-la com dureza e a maltratá-la sem o menor motivo. Numa ocasião, a senhora a enviou com uma encomenda ao bairro *Los Laches*, à procura de uma lavadeira. Mas o verdadeiro objetivo era afastá-la da casa, para preparar a iníqua vingança que meditava contra ela, porque um homem *que a visitava*, e cujo nome a moça não sabia, disse à Forero que tinha uma criadinha muito bonita e que ia casar com ela.

Avançada a noite, a criada voltou e, sem nada dizer, sua senhora amarrou-lhe as mãos e os pés; pôs-lhe um lenço na boca depois de introduzir nela uma pedra, para que não pudesse gritar. Nessa posição a deixou até o amanhecer, quando começou a lhe arrancar os cabelos, operação que demorou quase o dia inteiro, sem dar-lhe alimento nenhum. À noite, pôs-lhe um emplastro na cabeça, que produziu ardência insuportável, e finalmente lhe fez uma chaga da nuca até os olhos, pois também lhe arrancou sobrancelhas e cílios.

No segundo dia aquela mártir estava esgotada, depois de passar dois dias sem comer nem beber. E como já não tinha forças nem podia se queixar, Trinidad, coerente com o infernal projeto de atormentar quem julgava ser a sua rival, deu-lhe uma caneca de água fétida e migalhas de pão preto.

Quando aquela nova Medeia achou que a moça teria mais fôlego para sofrer, dedicou-se a tirar-lhe um a um todos os dentes e molares, e para isso se serviu de umas pinças, como aquelas usadas por sapateiros. Não satisfeita ainda com seus atos, aquela fúria infame queimou a infeliz com ferros quentes em todas as articulações e costelas, e na coluna vertebral. E, como se ainda não fosse o bastante, cortou-lhe as orelhas e abriu-lhe a boca até os ouvidos.

Terminada aquela tarefa, de cujos resultados deveu se horrorizar o próprio demônio, a tal de Trinidad acendeu duas velas junto da vítima, pôs-lhe um espelho na frente e disse-lhe com inflexão de espantosa satisfação: “Agora *aquele* não casará com a criadinha bonita!”. Na sequência, arrastou a mocinha até um buraco aberto na parede, que dava a um cubículo no qual, com a maior calma, emparedou quem, segundo ela, não devia contar mais entre os viventes.

Mas não era para fazê-la morrer que a Forero tinha emparedado a moça. Não, era para gozar vendo-a sofrer, coisa que fazia pela *fenda* que deixou do lado do terreno contíguo à casa, por onde, ao mesmo tempo, lhe dava quantidades exíguas, de três em três dias, do alimento indispensável para que aquele corpo não exalasse o sopro de vida que o animava.

Já pode imaginar o leitor os tormentos e angústias sem número que sofreria aquela pobre criança, filha do povo, abandonada pelos homens, sem outra perspectiva que não uma lenta morte, que, para azar dela, tardava em chegar!

Dois meses mortais passaram para aquela infeliz, tendo como único consolo os sarcasmos da sua cruel perseguidora ou os golpes que a Forero dava na divisória, perto da qual estava a cama, para gozar os débeis gemidos que o frio, a fome e a dor arrancavam da odiada e suposta rival. Sem a chegada casual dos soldados ao pé da *abertura*, nem Deus sabe quanto tempo teria durado aquele espantoso suplício!

Com a *emparedada* em melhores condições, chegou o momento de por a vítima perante sua vitimária. Aquele foi um ato interessantíssimo: a *emparedada*, encolhida de terror e espanto, suplicava que não a deixassem mais ser atormentada pela sua *sinhá* Trinidad; esta cruzou os braços, recolheu de trás para frente o xale em que estava envolvida, fitou com um olhar indefinível a sua vítima, contemplando-a em silêncio e, falando consigo mesma, deixou escapar estas palavras: “assim estás bem!”.

No seu depoimento, aquela Jezabel *santaferena* disse que odiava de morte a moça, porque ela era a causa pela qual tinha se *desbaratado* o matrimônio que muito tempo atrás projetara, e que por isso tinha recorrido ao, para ela, simples artifício de desfigurá-la, primeiro, e escondê-la depois onde morresse *aos poucos*, sem fazer escândalo nem chamar demais a atenção.

Tais são os funestos efeitos do ciúme numa mulher como a que nos ocupa, passados os trinta e nove anos, que é a idade que mais temem as solteiras desejosas de casar, sem educação nem princípios religiosos, idade em que se desenvolve essa paixão que produz monstruosas alterações nas faculdades intelectuais, e que faz aparecer como bons e

lícitos todos os atos tendentes à aniquilação do objeto que importuna a paixão, pervertendo o sentido moral até levar aos maiores requintes de crueldade, dos quais este caso não será nem o primeiro nem o último exemplo.

Preso e após confessar dos delitos de tentativa de homicídio e maus tratos pessoais em grau máximo, o Júri sentenciou Trinidad Forero a cumprir pena de dez anos de prisão no cárcere de Guaduas, onde morreu um tempo depois, em consequência de uma febre maligna. A sua vítima, reduzida à completa invalidez e miséria absoluta, se fazia conduzir sentada numa cadeirinha, implorando a caridade pública em Santafé, a fim de garantir sua subsistência. Por altos juízos de Deus, sobreviveu alguns anos à sua cruel perseguidora!